

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências e Letras

Graduação em Ciências Econômicas

MONOGRAFIA

As contribuições de León Trotsky para o estudo do imperialismo

Graduando: Leonildo Bernardo Pivotto

Orientador: Prof. Dr. Adílson Marques Gennari

Departamento de Economia Unesp

Banca examinadora: Prof. Dr. Sebastião Neto Ribeiro Guedes

Departamento de Economia Unesp

Campus de Araraquara

2011

AGRADECIMENTOS

Creio que esta seja a parte onde o caráter mais pessoal deste trabalho se torna evidente para o leitor. Por isso, usarei desta pequena página para demonstrar meu agradecimento, mas também meu não agradecimento.

Primeiramente, sou muito grato a meu pai (Claudio) e minha mãe (Cida) que apostaram em mim nesses últimos cinco anos, garantindo todas as condições necessárias para minha permanência aqui e sofrendo de muita saudade. Também sou grato a meus avós, tios e tias que muito contribuíram para que eu tivesse condições de me instalar em Araraquara.

Sou grato a Elenir, minha cúmplice, companheira e camarada que tive a imensa felicidade de conhecer aqui na Unesp e com quem tenho passado importantes momentos da minha vida. A ela declaro todo o meu amor.

Não posso deixar de agradecer também a meus ilustres colegas de turma e amizades que fiz em outros cursos, que de diferentes formas contribuíram para minha formação e também passando por momentos de muita alegria. Aos picaretas André, Jailison, Vinícius, Denis, Ale China, Rogério, Eduardo, Santista, Moraes, Michael, Celso. Às meninas Livia, Pâmela, Taila, Karina, Ingrid, Camila, Katherine, Lóren e Aline.

Aos colegas de república Gian, Moab, Vinicius Salada e Don Juan.

Aos meus camaradas Mauricio, Eraldo, Vitor, Adriano, Wellington, Luisinho, Alan, Lara, Edilaine, Julia, Laís, Keka, Camila e Priscila.

Sou grato também ao trabalho das funcionárias do RU, às estagiárias da biblioteca e às trabalhadoras terceirizadas da limpeza, pessoas das quais estão sempre lá para nos ajudar mas raramente notamos que elas existem.

Quanto aos docentes, quase nada tenho a agradecer. Sou grato apenas aos professores Adilson e Sebastião que tomaram a árdua tarefa de acompanhar este trabalho. Quanto ao restante, é melhor não dizer mais nada.

DEDICATÓRIA

Dedico este pequeno trabalho à memória e o legado do dirigente trotskista argentino Nahuel Moreno (1924-1987) cuja obra causou um profundo impacto na minha formação. Vivendo em uma época em que o marxismo era vulgarizado e prostituído pelo stalinismo, pela social democracia e pelos círculos acadêmicos, Moreno teve como preocupação fundamental em sua vida divulgar as idéias de Marx, Lenin e Trotsky no meio operário fabril, por mais bruto e alienado que o proletariado pudesse parecer. Sua coragem e teimosia não passarão em vão.

RESUMO

RESUMO: Este trabalho se propõe a sistematizar as contribuições do teórico e revolucionário León Trotsky sobre o estudo da formação e dinâmica do capitalismo na sua fase imperialista. Tal abordagem, implica em reunir escritos sobre o tema dispersos em artigos de jornal, documentos e declarações de organizações políticas e obras publicadas durante toda a vida pelo autor. No primeiro capítulo será exposto a contribuição de Trotsky para o estudo da formação do capitalismo como um sistema que conseguiu abranger todo o planeta. Em seguida, no segundo capítulo abordaremos a questão do funcionamento dos ciclos econômicos na fase imperialista da economia. Por fim, no terceiro capítulo apontaremos quais elementos Trotsky utiliza para caracterizar o imperialismo como a fase decadente do capitalismo.

PALAVRAS CHAVE: imperialismo, ciclos econômicos, luta de classes.

ÍNDICE

Apresentação	6
Capítulo 1: A formação da economia mundial	7
Capítulo 2: Os ciclos econômicos no capitalismo	14
Capítulo 3: O imperialismo como fase decadente do capitalismo	22
Conclusão	27
Bibliografia	28

Apresentação

A primeira década do século XXI apresentou o início de uma nova fase da história, muito distante do otimismo acadêmico e jornalístico existente na última década do século XX. No lugar do crescimento econômico exuberante do capitalismo e de um sistema político internacional equilibrado, o século XXI se inicia com o cenário da recessão econômica nos Estados Unidos, as intervenções militares no Afeganistão e no Iraque, e a instabilidade política de diferentes governos em países da América Latina (Equador em 2000, Argentina em 2001, Venezuela em 2002, Bolívia em 2003). Hoje, vemos o início de uma nova década sob os reflexos da crise econômica mundial de 2008 (com forte impacto nas relações internacionais), a tentativa de golpe militar em Honduras, as mobilizações sociais na Europa contra as políticas de arrocho salarial (principalmente Grécia, Espanha, Portugal, França e Itália) e, mais recentemente, a forte onda de mobilizações nos países do chamado mundo árabe (Tunísia, Argélia, Egito, Iemen, Líbia e Síria).

As transformações do capitalismo nas últimas décadas (internacionalização e financeirização da economia) e os rumos tomados pelas relações entre os Estados (o papel dos Estados Unidos, a ampliação da União Européia e atuação dos emergentes, em especial os chamados BRICs) em um cenário mais recente marcado pela crise econômica mundial, contribuíram para a retomada dos estudos desses fenômenos de uma forma abrangente, relacionando fatores econômicos, políticos e sociais como um todo. Autores marxistas clássicos voltaram a fazer parte das discussões teóricas. Em especial, aqueles que se dedicaram ao estudo do chamado *imperialismo* (Lenin, Rosa Luxemburgo e Nicolai Bukharin). Entretanto, vieram à tona publicações até então oficialmente inéditas no Brasil sobre o assunto, de um autor pouco lembrado nessa área e, de uma forma geral, pouco estudado no país: León Trotsky.

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da formação teórica do autor sobre o imperialismo apontando sua inserção no grande debate sobre o tema no começo do século XX. No primeiro capítulo será exposto a contribuição de Trotsky para o estudo da formação do capitalismo como um sistema que conseguiu abranger todo o planeta. Em seguida, no segundo capítulo abordaremos a questão do funcionamento dos ciclos econômicos na fase imperialista da economia. Por fim, no terceiro capítulo apontaremos quais elementos Trotsky utiliza para caracterizar o imperialismo como a fase decadente do capitalismo.

1. A formação da economia mundial

A inserção de Trotsky no debate sobre a formação da economia mundial ocorreu através do balanço dos acontecimentos políticos ocorridos na Rússia no ano de 1905. Em sua obra *Balanço e Perspectivas* o autor faz uma primeira análise detalhada das relações entre as diferentes classes sociais naquele processo histórico. A grande polêmica de fundo travada com outros setores provenientes do marxismo russo era se a Rússia possuía maturidade suficiente para avançar até o socialismo em um processo revolucionário. Mesmo com uma classe operária com peso minúsculo na estrutura social do país e um capitalismo que pouco se aproximava do vigor econômico existente por exemplo na Alemanha e na Inglaterra, era possível avançar até a expropriação da propriedade privada ou a revolução passaria obrigatoriamente por uma etapa dita democrática dirigida por um setor liberal e progressista da burguesia? Trotsky responderá a esta polêmica não apenas olhando a dinâmica econômica e social da Rússia, mas partindo do método elaborado por Marx no *Capital* e analisando o capitalismo no seu funcionamento mundial.

Para o autor, o ponto de partida para a interpretação do desenvolvimento capitalista na Rússia não poderia se dar em separado da dinâmica do capitalismo mundial. Se a Rússia passava de uma situação de economia agrária para um processo de industrialização naquele período, essa transformação não ocorreu da mesma forma clássica da Inglaterra com a lenta formação de uma economia artesanal para depois adentrar na manufatura pesada. Essas etapas históricas não estavam presentes na história daquele país. As pressões por mudanças não viriam de dentro, mas de fora, da relação que a Rússia mantinha com os países da Europa ocidental:

"Cercada por potências estrangeiras, a Rússia viu-se empurrada para o capitalismo em condições ditadas pelo primitivismo de sua economia nacional. Faltava ao país dos czares aquele dinamismo interno que havia permitido a transformação de pequenos produtores em empresários capitalistas. O impulso transformador não viria de baixo para cima. Teria que vir, então, de cima para baixo e de fora para dentro." (BIANCHI 2000, pg 104)

Com a derrota da revolução de 1905 e as expulsões e prisões de seus participantes, a polêmica é de certa forma deixada de lado e os marxistas russos passa a se dedicar a outras questões. O tema só será retomado mais de uma década depois, impulsionado por grandes acontecimentos históricos. A Primeira Guerra Mundial e a vitória da revolução na Rússia em 1917 recolocaram a polêmica na ordem do dia.

Novamente, o ponto de partida é o caráter global do capitalismo. O sucesso de uma revolução operária em um país atrasado e a influência que ela desencadeou em outros países (Alemanha, Bulgária, Polônia, Hungria e, fora da Europa, na China) reafirmaram a tese de que os eventos políticos ocorridos dentro das fronteiras nacionais mantêm fortes relações com os vínculos que esses países possuem com o resto do globo, originando uma única dinâmica mundial:

"Um país atrasado assimila as conquistas materiais e ideológicas dos países adiantados. Não significa isto, porém, que siga servilmente estes países, reproduzindo todas as etapas de seu passado. A teoria da repetição dos ciclos históricos – a de Vico e, mais tarde, de seus discípulos – baseia-se na observação dos ciclos percorridos pelas velhas estruturas pré capitalistas e, parcialmente, sobre as primeiras experiências do desenvolvimento capitalista. O caráter provincial e transitório de todo processus admite, efetivamente, certas repetições das fases culturais em meio ambiente sempre novos. O capitalismo no entanto, marca um progresso sobre tais condições. Preparou e, em certo sentido, realizou a universalidade e a permanência do desenvolvimento da humanidade. Fica assim, excluída a possibilidade de uma repetição das formas de desenvolvimento em diversas nações. Na contingência de ser rebocado pelos países adiantados, um país atrasado não se conforma com a ordem de sucessão: o privilégio de uma situação historicamente atrasada – e este privilégio existe – autoriza um povo ou, mais exatamente, o força a assimilar todo o realizado, antes do prazo previsto, passando por cima de uma série de etapas intermediárias. Renunciam os selvagens ao arco e à flecha e tomam imediatamente o fuzil, sem que necessitem percorrer as distâncias que, no passado, separaram estas diferentes armas. Os europeus que colonizaram a América não começaram ali a História desde seu início. Se a Alemanha e os Estados Unidos ultrapassaram economicamente a Inglaterra, isso se deveu exatamente ao atraso na evolução capitalista daqueles dois países. Em compensação, a anarquia conservadora que reina na indústria carbonífera

britânica, como no cérebro de Mac Donald e seus amigos, é o resgate de um passado o qual a Inglaterra manteve a hegemonia do capitalismo. O desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada conduz necessariamente, a uma combinação original das diversas fases do processus histórico. A órbita descrita toma, em seu conjunto, um caráter irregular, complexo, combinado."
(TROTSKY 1967, pg 24)

Dessa forma, com o passar dos anos e com a grande turbulência política que foram os anos 20 e 30 do século XX, as concepções originalmente criadas para descrever as particularidades da formação econômica e social da Rússia são generalizadas para a explicação geral da incorporação da periferia ao capitalismo mundial:

"A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processus histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, que significa aproximação das diversas etapas, combinação de fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas. Sem esta lei tomada, bem entendida em todo o seu conjunto material, é impossível compreender a história da Rússia, como em geral a de todos os países chamados à civilização em segunda, terceira ou décima linha."
(TROTSKY 1967, pg 25)

O desenvolvimento desigual do capitalismo nas diversas partes do planeta implicou em processos diferenciados de desenvolvimento econômico. Impulsionados pela expansão das grandes nações industrializadas, os países da periferia se vêem obrigados (independente da vontade de seus governos e classes sociais) a se modernizarem e se inserirem na economia mundial:

"O capitalismo encontra várias partes da humanidade em diferentes estágios de desenvolvimento, cada qual com suas profundas contradições internas. A extrema diversidade de níveis atingidos e a extraordinária desigualdade no ritmo de desenvolvimento das diferentes partes da humanidade durante várias épocas são

o ponto de partida do capitalismo. Apenas gradualmente este ganha o controle sobre a desigualdade herdada, quebrando-a e alterando-a, empregando seus próprios fins e métodos. Em contraste com os sistemas que o antecederam, o capitalismo busca inerente e constantemente a expansão econômica, a penetração em novos territórios, a superação das diferenças econômicas, a conversão de economias nacionais e regionais encerradas em si mesmas em um sistema de vasos comunicantes, aproxima-os de si, igualando o nível econômico e cultural dos países mais avançados e mais atrasados. [...] Ao aproximar economicamente os países e nivelar seus estágios de desenvolvimento, o capitalismo, no entanto, usa seus próprios métodos, quer dizer, métodos anarquistas que constantemente minam seu próprio trabalho, joga um país contra o outro e um ramo da indústria contra outro, desenvolvendo algumas partes da economia mundial enquanto dificulta e atrasa o desenvolvimento de outras. Apenas a correlação dessas duas tendências fundamentais – centrípeta e centrífuga, nivelamento e desigualdade – ambas advindas da natureza do capitalismo, nos explica a textura viva do processo histórico. [...] O imperialismo vincula incomparavelmente mais rápido e mais profundamente grupos nacionais e continentais em uma única entidade, colocando-os em mútua dependência vital e tornando seus métodos econômicos, formas sociais e níveis de desenvolvimento mais idênticos. Ao mesmo tempo, ele atinge esse objetivo por tal método antagônico, tal pulo e assalto sobre países e áreas atrasados, que afeta a unificação e o nivelamento da economia mundial, com mais violência e convulsão que em outras épocas.” (TROTSKY 2010a, pg 102)

A expansão de capitais, o comércio e a divisão internacional do trabalho garantem a conformação dessa nova fase do capitalismo. Por mais arcaicas que fossem as estruturas sociais dos países periféricos, todos tinham seu papel nessa dinâmica. Embora Trotsky aponte que a economia mundial conforma um todo orgânico que está acima das características das economias nacionais, ele não desconsidera as particularidades de cada país no funcionamento do capitalismo. Pelo contrário. São justamente essas particularidades que conferem instabilidade ao sistema econômico, que possibilitam o surgimento de fissuras e abram caminho para um conflito mais acirrados entre as classes sociais:

“O marxismo parte da economia mundial, considerada não como simples soma de suas unidades nacionais, mas como uma poderosa realidade independente, criada pela divisão internacional do trabalho e pelo mercado mundial, que, em nossa época, domina do alto os mercados nacionais. As forças produtivas da sociedade capitalista já ultrapassaram a muito tempo as fronteiras nacionais. [...] As particularidades econômicas dos diferentes países não têm uma importância secundária. Basta comparar a Inglaterra e Índia, os Estados Unidos e o Brasil. Os traços específicos da economia nacional, por mais importantes que sejam, constituem, em escala crescente, os elementos de uma unidade mais alta que se chama economia mundial e que serve, afinal de contas, de base ao internacionalismo dos partidos comunistas.” (TROTSKY 2011, pg 138)

Para Trotsky, a economia mundial era completamente hierarquizada, marcada por um pequeno número de países imperialistas que subordinavam as economias dos países da periferia. Dessa forma, é colocada uma nova perspectiva sobre as teorias do imperialismo que vai além de uma abordagem exclusivamente econômica. O capitalismo em sua fase imperialista é marcado por várias contradições. A hierarquização do mercado mundial potencializa a extração de mais valia com a submissão da periferia ao centro do sistema. O avanço do capital em todo o globo e a rápida modernização que a periferia sofre nesse processo, afeta diretamente as relações entre as classes sociais, com sérias implicações na estabilidade política e social destes países:

“A desigualdade do desenvolvimento trouxe consigo benefícios tremendos para os países avançados, os quais, ainda que em graus diversos, continuaram se desenvolvendo às custas dos atrasados, explorando-os, convertendo-os em colônias ou, pelo menos, tornando-lhes impossível figurar entre a aristocracia capitalista. As fortunas da Espanha, Holanda, Inglaterra, França, foram obtidas não somente com a mais valia extraída de seu próprio proletariado, não somente com a pilhagem de sua pequena burguesia, mas também com a pilhagem sistemática de suas posses no ultramar. E exploração de classes foi complementada e sua potencialidade aumentada com a exploração das nações. A burguesia das metrópoles foi capaz de assegurar uma posição privilegiada para seu próprio proletariado, especialmente para as camadas superiores, mediante o pagamento de alguns superlucros obtidos com as colônias. Sem isso, teria sido completamente

impossível qualquer tipo de regime democrático estável. Em sua manifestação mais desenvolvida, a democracia burguesa se fez, e continua assim, uma forma de governo acessível unicamente às nações mais aristocráticas e mais exploradoras. A antiga democracia baseava-se na escravatura; a democracia imperialista baseia-se na espoliação das colônias.” (TROTSKY 2008b, pg 187)

Mas embora o capitalismo possui uma grande tendência em avançar para todas as regiões do planeta, sua grande dificuldade de se consolidar de forma estável como modo de produção reside nos obstáculos que impedem o avanço das forças produtivas de forma global. Os Estados nacionais, as barreiras que dificultam o comércio mundial, os diferentes graus de inserção das nações no mercado externo e as contradições entre as classes sociais (não só entre trabalhadores e capitalistas, mas também entre capitalistas de diferentes países) se apresentam como fortes entraves à expansão econômico, apontando, segundo o autor para a caducidade do capitalismo, sendo o imperialismo a fase final desse sistema. Essa situação caracteriza todo um longo período de violência, guerras, desastres econômicos e possibilidades revolucionárias.

Em síntese, podemos concluir que a chamada teoria de desenvolvimento desigual e combinado elaborada por Trotsky depois de se dedicar ao estudo de grandes eventos históricos e políticos e, principalmente, de ter vivenciado e participado de processos revolucionários, é na verdade, uma teoria do desenvolvimento do capitalismo na sua fase imperialista.

"A teoria do imperialismo que perpassa a obra do marxista russo é, ao mesmo tempo, econômica e política. Ela coloca em seu centro a contradição fundamental existente entre a nação-Estado e a internacionalização crescente das forças produtivas, transformando o mercado mundial em um elemento decisivo para a apreensão do imperialismo. Contradição esta que se manifesta, por um lado nas contradições entre a lei do valor no mercado mundial e a regulamentação estatal da economia no interior das fronteiras nacionais e, por outro, naquelas que existem entre os países imperialistas e os países coloniais e semicoloniais." (BIANCHI 2000, pg 106)

Graças ao imperialismo, as revoluções nacionais nada mais são do que manifestações nacionais de uma grande dinâmica mundial que é a luta de classes em escala global, propiciada pela internacionalização cada vez mais crescente das forças produtivas.

2. Os ciclos econômicos no capitalismo

O período histórico aberto com a Primeira Guerra Mundial trouxe novos desafios para o movimento comunista internacional. O impacto do conflito em combinação com a vitória da revolução soviética na Rússia impôs uma nova configuração nas relações internacionais, na luta de classes e, principalmente, na economia. Por pressão de uma nova realidade, os círculos marxistas da Europa recolocaram no centro das polêmicas o caráter do capitalismo na sua fase imperialista e seus mecanismos de funcionamento.

Com o fim da guerra em 1917, a economia capitalista passava por um profundo processo de desorganização e dificuldades, muito diferente do longo período de vigoroso crescimento apresentado nas últimas três décadas do século XIX e nos anos imediatamente anteriores ao início do conflito:

“A globalização da economia dava sinais de que parara de avançar nos anos entreguerras. Por qualquer critério de medição, a integração da economia mundial estagnou ou regrediu. Os anos anteriores à guerra tinham sido o período de maior migração em massa na história registrada, mas esses fluxos depois secaram, ou foram represados pelas perturbações da guerra e restrições políticas. Durante os quinze anos que precederam 1914, quase 15 milhões de pessoas desembarcaram nos EUA. Nos quinze anos seguintes, o fluxo diminuiu para 5,5 milhões, e durante a década de 1930 e a guerra, parou quase por completo: menos de 750 mil pessoas entraram nos EUA. A migração ibérica, voltada principalmente para a América Latina, caiu de 1,75 milhão na década de 1911-20 para menos de 250 mil na década de 1930. O comércio mundial recuperou-se das perturbações da guerra e da crise do pós guerra e subiu um pouco acima de 1913 no fim da década de 1920, caindo novamente durante a depressão, mas no fim da Era da Catástrofe (1948) não era significativamente maior em volume do que antes da Primeira Guerra Mundial. Entre o início da década de 1890 e 1913 havia mais que duplicado. Entre 1948 e 1971, iria quintuplicar. Essa estagnação é tanto mais surpreendente quando lembramos que a Primeira Guerra Mundial produziu um número substancial de novos países na Europa e no Oriente Médio. Tantos quilômetros a mais de fronteiras de países poderiam levar-nos a esperar um aumento automático no comércio entre estes Estados, uma vez que transações

comerciais antes feitas num mesmo país (digamos, Áustria-Hungria, ou Rússia) eram agora classificadas como internacionais. Do mesmo modo, o trágico fluxo de refugiados do pós guerra e da pós revolução, cujos números já se mediam em milhões, poderia levar-nos a esperar mais um crescimento que uma queda da migração global. Durante a Grande Depressão, até mesmo o fluxo internacional de capital pareceu secar. Entre 1927 e 1933, os empréstimos internacionais caíram mais de 90%.” (HOBSBAWM 1996, pg 93)

De fato, essa nova conjuntura era aparentemente promissora para o avanço do movimento operário. O início da década de 1920 foi marcado pelo surgimento e fortalecimento dos partidos comunistas em praticamente todo o planeta. Ocorreram crises revolucionárias abertas com formação de comitês operários que disputaram o poder com o governos constituídos na Alemanha, na Áustria, na Hungria e na Itália. Se até o início da guerra havia uma situação de estabilidade (ou pelo menos aparente estabilidade) entre as classes sociais e nas relações entre os Estados, a partir de 1914 a mudança de conjuntura para um cenário de forte confronto político e dificuldade econômica abriu uma série de novos debates entre os teóricos marxistas.

A contribuição de Trotsky nos debates nessa novo cenário ocorre com seus estudos sobre o funcionamento dos ciclos econômicos na fase imperialista do capitalismo. Em um artigo intitulado *A situação mundial* apresentado como documento de informe de conjuntura no terceiro congresso da Internacional Comunista em 23 de junho de 1921, Trotsky elabora seu conceito de *equilíbrio* para explicar as grandes guinadas na situação econômica:

“Com a guerra imperialista entramos na época da revolução, isto é, a época em que os próprios pilares do equilíbrio capitalista estão sendo abalados e colapsando. O equilíbrio capitalista é um fenômeno extremamente complexo. O capitalismo produz esse equilíbrio, o rompe, restaura- o novamente para rompê-lo de novo, simultaneamente estendendo os limites de sua dominação. Na esfera econômica esses constantes rompimentos e restaurações do equilíbrio tomam a forma de crises e booms. Na esfera das relações inter classes, o rompimento do equilíbrio assume a forma de greves, locautes, luta revolucionária. Na esfera das relações inter Estados, o rompimento do equilíbrio significa guerra ou – em uma forma menos intensa – guerras tarifárias, guerra econômica ou bloqueios. O

capitalismo assim assume um equilíbrio dinâmico, no qual sempre se está no processo de ruptura ou restauração. Mas ao mesmo tempo esse equilíbrio tem um grande poder de resistência, cuja melhor prova disso é o fato de que o mundo capitalista não foi derrubado até hoje.” (TROTSKY 2008b, pg 10)

Se a dinâmica da economia baseia-se nas sucessivas construções e desconstruções do equilíbrio capitalista, uma das questões fundamentais para se realizar uma análise de conjuntura passa pela escolha dos elementos mais importantes que constituem o equilíbrio. Se, como escreveu o próprio Trotsky, o equilíbrio capitalista é um fenômeno complexo composto por fatores de esferas econômicas, sociais e políticas, qual o ponto de partida para o método de análise? Nesse mesmo artigo, o autor oferece uma resposta. O aspecto mais importante está no caráter mundial do capitalismo e de como esse caráter global reflete o papel que cada país ocupa no sistema econômico:

“O equilíbrio do capitalismo contém muitos grandes fatores, eventos e fatos – alguns básicos, outros secundários, e outros ainda terciários. O capitalismo é um fenômeno mundial. Ele conseguiu abarcar todo o globo terrestre; e isso se manifestou ainda mais agudamente durante a guerra e durante o bloqueio, quando um país, privado de um mercado, produzia excessos, enquanto outro, com necessidade de mercadorias, não tinha acesso a elas. E hoje essa interdependência do mercado mundial desmembrado manifesta-se aqui e em todo o lugar. O capitalismo, na etapa alcançada antes da guerra, baseava-se em uma divisão mundial do trabalho e na troca mundial de produtos. A América tinha que produzir certa quantidade de grãos para a Europa. A França tinha que produzir certa quantidade de bens de luxo para a América. A Alemanha tinha que produzir certa quantidade de bens de consumo baratos para a França. Essa divisão do trabalho por sua vez não era algo constante, algo dado de uma vez por todas. Ela tomou forma historicamente; ela é constantemente rompida por crises e competição – sem falar das guerras tarifárias. E é restaurada de novo e de novo apenas para ser rompida de novo e de novo. Mas a economia mundial como um todo se apóia numa divisão maior ou menor entre os respectivos países de produção e de necessidades correspondentes. Agora, essa divisão mundial do trabalho foi prejudicada até suas raízes pela guerra. Ela foi restaurada ou não? Esse é um aspecto da questão.” (TROTSKY 2008b, pg 15)

Entretanto, a dinâmica capitalista baseada nas sucessivas construções e quebras do equilíbrio não se dá de forma autônoma independente das condições históricas da formação do capitalismo. Se as mudanças no equilíbrio econômico ocorrem com sucessivos períodos de booms e crises (ciclos de crescimento e recessão), estes devem ser compreendidos dentro das condições que contribuem para o apogeu e decadência do capitalismo em longa perspectiva, como um sistema que pode cair e ser substituído por outro:

“O fato é que o capitalismo vive através de crises e booms, como um ser humano vive de inspirar e expirar. Primeiro há um boom na indústria, então uma paralisação, perto de uma crise, seguida por uma escassez na crise, então uma melhoria, outro boom, outra paralisação e assim por diante.(...) Crises e booms são inerentes ao capitalismo desde o seu nascimento; o acompanharão até o seu túmulo. Mas para determinar a idade do capitalismo e sua condição geral – estabelecer se ele ainda está se desenvolvendo ou se ele está maduro ou em declínio – deve-se diagnosticar o caráter dos ciclos. Da mesma maneira o estado do organismo humano pode ser diagnosticado se sua respiração é regular ou espasmódica, profunda ou superficial, e assim por diante. O xis da questão pode ser ilustrado como se segue: tomemos o desenvolvimento do capitalismo – o crescimento da produção de carvão, têxteis, aço, comércio exterior, etc – e tracemos uma curva delineando seu desenvolvimento. Se nas deflexões desta curva expressarmos o verdadeiro curso do desenvolvimento econômico, descobriremos que esta curva não oscila para cima em arco ininterrupto, mas em zigue zague, dando voltas para cima e para baixo – em correspondência com os respectivos booms e crises. Assim, a curva de desenvolvimento econômico é um composto de dois movimentos: um movimento primário que expressa a ascensão geral do capitalismo, e um movimento secundário que consiste de constantes oscilações periódicas correspondentes aos vários ciclos industriais. Nos períodos de rápido desenvolvimento capitalista as crises são breves e de caráter superficial, enquanto os booms são duradouros e de longo alcance. Nos períodos de declínio capitalista, as crises são de um caráter prolongado enquanto os booms são fugazes, superficiais e especulativas. Nos períodos de estagnação as flutuações ocorrem sobre o mesmo nível ” (TROTSKY 2008b, pg 36)

A junção entre os elementos periódicos do capitalismo (ciclos de crescimento e recessão) com os elementos que localizam o capitalismo como modo de produção historicamente determinado através da elaboração da curva de desenvolvimento capitalista permitiram novas contribuições para o estudo da teoria econômica marxista. Vivendo um período marcado por uma nova etapa do capitalismo diferente daquela existente na época da elaboração do *Capital* por Marx, Trotsky conseguiu agregar em seu método os elementos históricos e sociais que marcam o capitalismo em sua época imperialista, com os grandes eventos revolucionários ocorridos na primeira metade do século XX:

“Es evidente que para Karl Marx el capitalismo como sistema constituía un todo dinámico, em continuo movimiento así como que la cuestión del crecimiento o desarrollo de las fuerzas productivas ocupaba para él un lugar fundamental. Sin embargo Marx, que dejó sólo esbozados los límites a las posibilidades del desarrollo capitalista particularmente en el Tomo III de El Capital, no alcanzó a escribir los dos últimos tomos que integraban el plan original de El Capital y que presuponían un mayor nivel de concreción en el análisis de la economía. De este modo, la vida de Marx (aunque también la época que le tocó vivir) resultaron en cierto sentido un límite en su propio camino metodológico de ascenso de lo abstracto a lo concreto. Nos permitimos suponer entonces que tal vez Trotsky (a quien le tocó vivir una época de franca decadencia de las fuerzas productivas y de grandes convulsiones revolucionarias), aunque sin haber hecho una sistematización acabada, haya buscado un acercamiento a un nivel mayor de concreción (o de menor abstracción) en múltiples informes y en alguns escritos en los que da cuenta de la estrecha dependencia entre el movimiento cíclico de la economía capitalista y la curva de desarrollo de las fuerzas productivas así como su interrelación com los factores políticos” (BACH 2008a, pg 30)

Um importante elemento a ser destacado dentro da metodologia criada por Trotsky a partir das elaborações de Marx no *Capital* é o espaço dedicado às relações internacionais e o impacto desta na dinâmica do desenvolvimento capitalista. Trotsky levava em conta, do ponto de vista das tendências que levam ao equilíbrio da economia capitalista, a relação inter Estados e estas com a luta de classes. Dessa forma, a situação da economia (isto é, seu funcionamento dinâmico) provocaria inevitavelmente um maior confronto entre os Estados capitalistas e tornaria mais profunda as tendências da luta de classes:

“As relações internacionais, é claro, jogam um enorme papel na vida do mundo capitalista. Isso foi revelado muito claramente durante a Guerra Mundial. E, no presente momento, quando colocamos a questão de ser possível ou impossível para o capitalismo restaurar seu equilíbrio mundial, devemos tomar nota das condições sob as quais esse trabalho de reconstrução está sendo feito. Não é difícil verificar que as relações internacionais se tornaram muito mais tensas, muito menos compatíveis com a evolução pacífica do capitalismo, do que eram antes da guerra. Por que a guerra ocorreu? Porque as forças produtivas se viram muito restringidas dentro da estrutura dos Estados capitalistas mais poderosos. O impulso interno do capitalismo imperialista era erradicar as fronteiras estatais e tomar todo o globo terrestre, abolindo as tarifas e outras barreiras que restringem o desenvolvimento das forças produtivas. Nisto estão as bases econômicas do imperialismo e as raízes da guerra. Quais foram os resultados? A Europa está agora mais rica em fronteiras e barreiras alfandegárias do que nunca. Toda uma galáxia de minúsculos Estados foi armada. Os territórios do antigo Império Austro-Húngaro estão agora atravessados por uma dúzia de linhas alfandegárias. O inglês Keynes chamou a Europa de uma casa de loucos, e de fato, do ponto de vista do desenvolvimento econômico todo esse particularismo de minúsculos Estados, com seus sistemas tarifários e assim por diante, representa um monstruoso anacronismo, uma insana implantação de medievalismo no século XX.” (TROTSKY 2008b, pg 51)

Posteriormente, em 1923, Trotsky retomará a problemática e aprofundará alguns elementos de sua contribuição metodológica. Com o artigo *A curva de desenvolvimento capitalista*, Trotsky resgata suas elaborações sobre o equilíbrio capitalista e coloca em um outro patamar os elementos fora da esfera econômica na dinâmica do capitalismo. A elaboração deste artigo é fruto de uma polêmica surgida na União Soviética levantada pelo economista Nikolai Kondratiev sobre a suposta existência de ondas longas de crescimento econômico:

“Inspirado no mesmo modelo de Marx para o ciclo industrial – ciclos determinados pelas variações do investimento – Kondratiev adicionou, por analogia com o ciclo decenal de substituição do capital fixo (as máquinas obsoletas), a hipótese de uma onda longa de aproximadamente 50 anos – um ciclo de meio século

– apoiado em séries estatísticas nas grandes durações, que corresponderia às grandes transformações nas máquinas (substituição das máquinas a vapor artesanais por máquinas a vapor mecânicas), matrizes energéticas (substituição do vapor pela eletricidade e pelos derivados do petróleo), e surgimento de novos ramos produtivos, inovações como a eletrônica, etc. Teriam ocorrido quatro ciclos Kondratiev: o primeiro ter-se-ia estendido entre o início da revolução industrial e a crise de 1847; o segundo entre a derrota das revoluções de 1848-51 e 1892; o terceiro entre 1892-1938; e o último, entre a Segunda Guerra Mundial e o final do século XX, abrindo-se uma fase depressiva em meados dos anos de 1970.” (ARCARY 2006, pg 73)

A resposta de Trotsky à polêmica levantada por Kondratiev será a crítica ao fato de que o economista não leva em conta fatores extra econômicos que afetam a dinâmica do capitalismo em seu sentido histórico: fatores relacionados à luta de classes (revoluções e guerras), expansão (conquista de novos territórios) ou evolução tecnológica. Mesmo com a existência dos tradicionais ciclos industriais de crescimento e recessão já descritos por Marx no *Capital*, estes não eram os determinantes na evolução histórica da economia capitalista:

"Observamos à luz da história que os ciclos homogêneos estão agrupados em séries. Épocas inteiras de desenvolvimento capitalista existem quando determinando número de ciclos se caracteriza por auges delineados de modo agudo e crises frágeis e de curta vida. Como resultado, temos um agudo movimento ascendente da curva básica do desenvolvimento do capitalismo. Temos épocas de estagnação quando está curva, ainda que passando por oscilações cíclicas parciais, permanece aproximadamente no mesmo nível durante décadas. E, finalmente, durante certos períodos históricos, a curva básica, ainda que passando como sempre através de oscilações cíclicas, se inclina para baixo em seu conjunto, assinalando o declínio das forças produtivas. (...) No que se refere às fases longas (de cinquenta anos) da tendência da evolução capitalista, para as quais o professor Kondratiev sugere, infundadamente, o uso do termo "ciclos", devemos destacar que seu caráter e duração estão determinados não pela dinâmica interna da economia capitalista, mas pelas condições externas que constituem a estrutura da evolução capitalista. A aquisição de novos países e continentes para o capitalismo, a descoberta de novos recursos naturais e, em relação a estes, fatos maiores de ordem superestrutural tais

como guerras e revoluções, determinam o caráter e a substituição das épocas ascendentes, estagnadas ou declinantes do desenvolvimento capitalista. Ao largo de quais trilhas deveria encaminhar-se a pesquisa? Nosso principal objetivo tem de ser estabelecer a curva da evolução capitalista, incorporando seus elementos não periódicos (tendências básicas) e periódicos (recorrentes)." (TROTSKY 2008b, pg 101)

Dessa forma, as intervenções de Trotsky nos debates políticos na Europa nas décadas de 1920 através de seus artigos permitiram a incorporação de novos elementos no método elaborado por Marx na concepção do *Capital* através da resposta dada a grandes eventos internacionais e transformações na economia capitalista que o teórico alemão não estava vivo para presenciar:

*"Como puede verse, en Trotsky, el equilibrio capitalista, lejos de constituir algún tipo de estado permanente, es la visualización de la totalidad del sistema capitalista como una unidad en continuo movimiento que construye dicho equilibrio, luego lo rompe, lo reconstruye y lo vuelve a romper. En esta visión abarcadora del movimiento de conjunto del capitalismo la determinación de la economía en última instancia no resulta de ningún modo un proceso mecánico sino moldeado permanentemente tanto por los avatares de la lucha de clases como por las relaciones interestatales. De este modo, Trotsky tuvo el mérito de incorporar el rol fundamental del factor subjetivo y los factores políticos en las tendencias de la economía, en particular durante la edad madura del capitalismo, es decir, durante la época imperialista. Esto le ha permitido, del mismo modo que a Lenin en su trabajo *El imperialismo fase superior del capitalismo* y a los principales exponentes de la *Internacional Comunista* antes de su stalinización, establecer en el siglo XX una continuidad dialéctica con la obra de los fundadores del marxismo." (BACH 2008a, pg 27)*

3. O Imperialismo como fase decadente do capitalismo

As teorias sobre o imperialismo de uma forma geral ganham corpo na passagem do século XIX para o século XX, abrangendo autores de diferentes orientações. Não era exclusivamente uma discussão acadêmica. As grandes polêmicas sobre o assunto eram travadas nos círculos partidários e sindicais da Europa. O desafio da época era explicar os fenômenos econômicos e políticos gerados pela dinâmica do capitalismo mundial e a partir daí se obter conclusões para a organização e atuação do movimento operário. O trabalho que mais causou impacto no debate e influenciou diferentes gerações de estudiosos foi o *Imperialismo, fase superior do capitalismo* escrito por Lenin em 1916:

"A teoria do imperialismo de Lenin se inseriu no quadro de um amplo debate com a participação de autores marxistas e não marxistas (Bukharin, Kautsky, Hobson, Hilferding, Rosa Luxemburgo, etc) e de longos anos de discussão no interior do movimento operário e socialista internacional. Suas características essenciais são conhecidas: papel decisivo do monopólio, surgimento do capital financeiro como produto da fusão do capital bancário com o industrial, predomínio da exportação do capital sobre a exportação de mercadorias, divisão do mercado mundial entre os monopólios capitalistas e competidores, conclusão da divisão territorial do mundo. A definição mais breve possível do imperialismo seria, segundo Lenin, a fase monopolista do capitalismo." (COGGIOLA 2002, pg 219)

Essa nova fase do capitalismo apresentada por Lenin abriu novas perspectivas para o pensamento econômico marxista. Atualizando as teorias de Marx expostas no *Capital*, a análise da dinâmica econômica não era mais baseada apenas nos ciclos econômicos de crescimento e crise. Era necessário localizar o modo de produção capitalista na história da humanidade, como um sistema que poderia decair e ser substituído por outro. O capitalismo era marcado por formação, apogeu e decadência:

"A formação abrangia a primeira metade do longo século XIX, ou seja, da revolução industrial e francesa até as derrotas das revoluções de 1848. O apogeu corresponderia à segunda metade do século XIX e se prolongaria até as mutações que geraram o imperialismo contemporâneo e culminaram na Primeira Guerra

Mundial. A decadência ter-se-ia iniciado com a guerra e a vitória da primeira revolução anticapitalista na Rússia." (ARCARY 2006, pg 74)

Trotsky parte das formulações de Lenin para explicar como ocorre a formação da economia mundial, criando a partir daí elementos para uma formulação da sua própria teoria do imperialismo. Seu ponto de partida é a concepção que o próprio Marx tinha sobre a relação entre os modos de produção e as necessidades da humanidade, desprovendo o capitalismo de qualquer visão eterna e imutável:

" Tendo definido a ciência como o conhecimento dos fenômenos objetivos da natureza, o homem tratou obstinada e persistentemente de excluir a si mesmo da ciência, reservando-se privilégios especiais sob a forma de pretensas relações com forças suprasensoriais (religião) ou com preceitos morais eternos (idealismo). Marx privou o homem definitivamente e para sempre desses odiosos privilégios, considerando-o um elo natural no processo evolutivo da natureza material; considerando-o a sociedade a organização para a produção e a distribuição; considerando o capitalismo uma etapa no desenvolvimento da sociedade humana.

A finalidade de Marx não era descobrir as leis eternas da economia. Negou a existência de semelhantes leis. A história do desenvolvimento da sociedade humana é a história da sucessão de diversos sistemas econômicos, cada um dos quais atua de acordo com suas próprias leis. A transição de um sistema ao outro foi determinada sempre pelo aumento das forças produtivas, isto é, da técnica e da organização do trabalho. Até certo ponto, as mudanças sociais são de caráter quantitativo e não alteram as bases da sociedade, isto é, as formas dominantes da propriedade. Mas ao atingir-se um novo ponto quando as forças produtivas maduras já não podem ser contidas por mais tempo dentro das velhas formas de propriedade; então se produz uma mudança radical na ordem social, acompanhada de comoções. A comuna primitiva foi substituída ou complementada pela escravatura; a escravatura foi sucedida pela servidão, com sua superestrutura feudal; o desenvolvimento comercial das cidades levou a Europa, no século XVI, à ordem capitalista, que daí em diante atravessou diversas etapas. Marx não estuda em O Capital a economia em geral, mas a economia capitalista, com suas leis específicas próprias." (TROTSKY 2008b, pg 159)

Para Trotsky (e também para Marx), a possibilidade da humanidade prosseguir avançando com relação a satisfação de atuais e futuras necessidades está relacionada com a forma com que organiza sua capacidade produtiva dentro de uma determinada rede de relações sociais e jurídicas. Quando essas relações passam a limitar o desenvolvimento da capacidade produtiva e criadora do homem, abre-se um período que pode se desdobrar em uma mudança radical da sociedade ou, por outro lado, surgirem novos arranjos políticos que garantam a estabilidade do sistema capitalista, sendo a principal medida a defesa da propriedade privada. Segundo Trotsky e outros marxistas da época, um dos sinais do conflito entre forças produtivas e relações de produção já no final do século XIX é a formação dos monopólios:

" A ascensão histórica da humanidade é impulsionada pela necessidade de obter a maior quantidade possível de bens com o menor investimento possível da força de trabalho. Esse fundamento material do crescimento cultural proporciona-nos também o critério mais profundo para caracterizar os regimes sociais e os programas políticos. A lei da produtividade do trabalho tem a mesma importância para o âmbito da sociedade humana que a da gravidade para o âmbito da mecânica. O desaparecimento de formações sociais que transbordarem seus limites não é mais que a manifestação desta cruel lei, que determinou o triunfo da escravidão sobre o canibalismo, da servidão sobre a escravidão, do trabalho assalariado sobre a antiga servidão. A lei da produtividade do trabalho não abre caminho em linha reta, mas sim de maneira contraditória, com estirões e pulsações, saltos e ziguezagues, lidando em seu percurso com as barreiras geográficas, antropológicas e sociais. No século XIX, a luta pela maior produtividade do trabalho tomou principalmente a forma da livre concorrência, que manteve o equilíbrio dinâmico da economia capitalista através das flutuações cíclicas. Mas, precisamente por causa de seu papel progressivo, a concorrência conduziu a uma monstruosa concentração nos trustes e corporações, o que por sua vez implicou a concentração das contradições econômicas e sociais."

(TROTSKY 2008b, pg 152)

A caracterização de que os monopólios são elementos centrais na dinâmica de produção e circulação de riqueza no sistema capitalista não é de importância secundária. Os elementos que acompanharam esse processo monopolização da economia como as duas

guerras mundiais, uma série de revoluções que aconteceram na primeira metade do século XX, a grande depressão de 1929 e o nascimento do fascismo são colocados por Trotsky como consequências políticas de um processo de grande transformação na economia mundial, colocando em evidência o caráter predatório e decadente dessa nova etapa do capitalismo:

" Ao estimular o progresso e o desenvolvimento da técnica, a concorrência não só destrói gradualmente as camadas intermediárias, mas destrói também a si mesma. Sobre os cadáveres e semicadáveres dos capitalistas pequenos e médios surge um número cada vez menor de magnatas capitalistas, cada vez mais poderosos. Deste modo, a concorrência honesta, democrática e progressiva engendra irrevogavelmente o monopólio daninho, parasita e reacionário. Seu predomínio começou a afirmar-se a partir de 1880 e assumiu sua forma definitiva no início do século atual. Agora, a vitória do monopólio é reconhecida abertamente pelos representantes oficiais da sociedade burguesa. No entanto, quando no curso de seu prognóstico sobre o futuro do sistema capitalista Marx demonstrou pela primeira vez que o monopólio é uma consequência das tendências inerentes ao capitalismo, o mundo burguês continuou considerando a concorrência como uma lei eterna da natureza. A eliminação da concorrência pelo monopólio assinala o começo da desintegração da sociedade capitalista. A concorrência era a principal mola criadora do capitalismo e a justificativa histórica do capitalista. Por isso, a eliminação da concorrência significa a transformação dos acionistas em parasitas sociais. A concorrência precisa de certas liberdades, uma atmosfera liberal, um regime democrático, um cosmopolitismo comercial. O monopólio precisa, pelo contrário, de um governo o mais autoritário possível, muralhas alfandegárias, suas próprias fontes de matérias primas e mercados. A última palavra na desintegração do capital monopolista é o fascismo." (TROTSKY 2008b, pg 164)

Por fim, a consequência mais direta que a formação dos monopólios acarreta nas contradições entre forças produtivas e relações de produção, no aprofundamento da luta de classes e nos conflitos internacionais está na tendência crescente da internacionalização da capacidade produtiva e nas barreiras impostas pelos Estados nacionais:

“O capitalismo tem o duplo mérito histórico de ter elevado a técnica a um alto nível e de ter unido todas as partes do mundo com laços econômicos. Desse modo, ele proporcionou os pré requisistos materiais para a utilização sistemática de todos os recursos de nosso planeta. No entanto, o capitalismo não se acha em situação de cumprir essa tarefa urgente. O núcleo de sua expansão continua sendo o Estado nacional com suas fronteiras, suas alfândegas e seus exércitos. Não obstante, as forças produtivas superaram há tempos os limites do Estado nacional, transformando, em consequência, o que era antes um fator histórico progressivo numa restrição insuportável. As guerras imperialistas não são senão explosões das forças produtivas contra as fronteiras do Estado, que se tornaram demasiado estreitas pera elas.” (TROTSKY 2008b, pg 189)

Conclusão

Embora não exista uma obra puramente dedicada às questões econômicas propriamente dita, o estudo do capitalismo e da dinâmica dos ciclos econômicos é algo presente em vários momentos da vida de León Trotsky.

Para o autor, não é possível se entender o funcionamento da economia de forma descolada dos conflitos entre as classes sociais e das relações entre os países. A forma como se deu a formação do capitalismo nos diferentes países e os grandes acontecimentos políticos presenciados pelo autor possuem estreita relação com os ânimos da dinâmica econômica.

O grande avanço com relação aos outros marxistas, está em seguir o método de Marx colocando sempre em primeiro plano a luta de classes e relacionando os altos e baixos do capitalismo com o seu caráter historicamente determinado, distante de qualquer tipo de determinismo ou posições imutáveis sobre os diferentes modos de produção. Questões como o choque entre a internacionalização das forças produtivas e as fronteiras nacionais e o papel do imperialismo na dinâmica econômica são de fundamental importância para um estudo crítico dos fenômenos que estão acontecendo hoje, como a crise econômica e o papel que os Estados Unidos cumprem hoje no cenário internacional.

Bibliografia

ARCARY, V. *O encontro da revolução com a história: socialismo como projeto na tradição marxista*. 1ª edição. São Paulo. Editora Xamã. 2006.

BACH, P. *Introducción*. In: *El capitalismo y sus crisis (compilación)*. 1ª edição. Buenos Aires. Ediciones del Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones León Trotsky. 2008.

BIANCHI, A. *O primado da política: revolução permanente e transição*. Revista Outubro. São Paulo. Nº 5, v 5, pg 101-115. 2000.

BIANCHI, A. *O marxismo de León Trotsky: notas para uma reconstrução teórica*. Texto para discussão no Grupo de Estudos sobre o Marxismo de León Trotsky do Cemarx/Unicamp. Campinas. 2005.

COGGIOLA, O. *O capital contra a história: gênese e estrutura da crise contemporânea*. 1ª edição. São Paulo. Editora Xamã. 2002.

HOBBSBAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 1996.

LENIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. 2ª edição. São Paulo. Global editora. 1982.

MANDEL, E. *El pensamiento de León Trotsky*. 1984. Disponível em <www.ernestmandel.org>. Acessado em 15 de janeiro de 2011.

TROTSKY, L. *História da Revolução Russa*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Saga. Volume I. 1967.

TROTSKY, L. *El capitalismo y sus crisis (compilación)*. 1ª edição. Buenos Aires. Ediciones del Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones León Trotsky. 2008a.

TROTSKY, L. *O imperialismo e a crise da economia mundial: textos sobre a crise de 1929*. 1ª edição. São Paulo. Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2008b.

TROTSKY, L. *A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional: programa de transição*. In: DOCUMENTOS de fundação da IV Internacional. São Paulo. Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2008c.

TROTSKY, L. *Stalin, o grande organizador de derrotas: a III Internacional depois de Lenin*. 1ª edição. São Paulo. Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2010a.

TROTSKY, L. *Los sindicatos y las tareas de los revolucionarios (compilación)*. 1ª edição. Buenos Aires. Ediciones del Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones León Trotsky. 2010b.

TROTSKY, L. *Balanço e perspectivas*. In: TROTSKY, L. *A teoria da revolução*

permanente. 1ª edição. São Paulo. Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2011.

TROTSKY, L. *A revolução permanente*. In: TROTSKY, L. *A teoria da revolução permanente*. 1ª edição. São Paulo. Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2011.